



29

REPORTER



UnB

★ Ano 17, número 29 ★ dezembro 2022 ★ Departamento de Jornalismo

★ Faculdade de Comunicação ★ Universidade de Brasília

CARTA DO EDITOR

Ao término do segundo período letivo de 2022, já no carnaval, em fevereiro de 2023, foi finalizada mais uma edição, em formato digital, da revista Campus Repórter, que conseguiu manter a sua regularidade semestral, mesmo durante os períodos mais cruéis da pandemia da Covid-19, que assolou o mundo no começo de 2020, e provocou a suspensão das aulas e outras atividades presenciais nos campi da Universidade de Brasília. Só em agosto seria iniciado o primeiro semestre de 22, seguindo depois um calendário atípico, que volta ao tradicional – aulas de março a julho e de agosto a dezembro - apenas no corrente ano.

Durante os semestres da pandemia a reportagem de Campus Repórter procurou retratar parte do que acontecia na UnB, como as dificuldades decorrentes da ausência física, indisponibilidade de salas de aulas, laboratórios e outros espaços essenciais para os contatos presenciais entre alunos, professores, funcionários e visitantes. São registros para a história, que podem ser totalmente consultados no endereço <https://www.campusreporterfac.com>. As atividades presenciais voltaram plenamente no primeiro semestre de 2022.

Nesta edição de número 29 uma reportagem mostra que alguns estudantes precisam conciliar seus estudos com a venda de produtos nos espaços universitários para sobreviver. São os ambulantes da UnB. Outra aponta como a propaganda através da internet pode ajudar pequenos negócios a ampliar suas vendas. Os caminhos alternativos que parte da população do DF busca para fugir dos aumentos das passagens aéreas e garantir suas viagens de lazer é tema de um texto, assim como a frustração dos brasileiros pela derrota na Copa do Mundo e como pessoas da cidade se prepararam à espera da taça que não veio. Com o arrefecimento da pandemia da Covid a vida foi voltando à normalidade e, com ela, os festivais e shows musicais, ao lado da alegre ocupação de bares da cidade por jovens universitários, temas de mais três reportagens.

O ano de 2023 começou com a posse de um novo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em primeiro de janeiro. Uma semana depois, um movimento orquestrado por fanáticos aliados do ex-Presidente Jair Bolsonaro foi controlado pelas autoridades constituídas, depois de uma destruição significativa de patrimônios da Presidência da República, Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal. Que seja apenas um traço na história da democracia brasileira.

Boa leitura, bom 2023 e um ótimo ano acadêmico.

David Renault

Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação

Diretora
Profª. Dione Oliveira Moura

Vice-Diretor
Prof. Armando Bulcão

Departamento de Audiovi-
suais e Publicidade (DAP)

Chefe
Profª. Isabela Lara Oliveira

Vice-Chefe:
Prof. Eduardo Bentes
Monteiro

Departamento de Jornalismo
(JOR)

Chefe
Prof. Solano Nascimento

Vice-Chefe
Profª Ana Carolina Kalume
Maranhão

Departamento de Comu-
nicação
Organizacional

Chefe
Profª Fabíola Orlando Cala-
zans Machado

Vice-Chefe
Profª Tatiana Lionço

EXPEDIENTE

Campus Repórter é uma publicação semestral, produzida por professores e estudantes das disciplinas Laboratório Campus Repórter e Oficina de Diagramação da Faculdade de Comunicação/UnB

Editor-executivo
David Renault

Editora de arte
Célia Matsunaga

Editor de Fotografia
Marcelo Feijó

Reportagem
Alice Rafaela de Oliveira
Ana Luiza Brandão
Beatrice Messiano
Cairo Tondato
Danielle Souza
Gabriel de Souza
Gabriella Castro Landim
Lucas Eduardo Rodrigues
Karolini Bandeira

Projeto Gráfico
Alice Oliveira
Daniel Lustosa
Danielle Souza
Jeovana Carvalho
Lucas Nunes Silva
Moisés Muálem
Iara Pereira

Capa e Arte-Final
Lucas Nunes Silva

Fotografia
Amanda Dutra
Arthur Feitosa
Catarina Xavier de Souza
Erika Souza
Luara Baggi
Lucas Vieira
Moisés Mualem

Ilustração
Daniel Freitas

S S S S S S S S

U U U U U U U U

M M M M M M M M

Á Á Á Á

R R R R

I I

O

01. PAG 6

Estudar e vender:
a rotina de quem trabalha como ambulante na universidade

03. PAG 19

Passagens aéreas nas alturas
geram buscas por viagens alternativas

05. PAG 34

De volta às ruas:
primeira Copa pós-pandemia é marcada por retorno de tradições no DF

07. PAG 55

O show tem que continuar.
Cantores e compositores da comunidade universitária compartilham suas experiências de antes e depois da Covid-19

02. PAG 13

Negócios na área da alimentação
crecem e buscam local no mercado com inovações

04. PAG 26

Como o hexacampeonato saiu voando.
É a quinta eliminação seguida da seleção brasileira de futebol desde o título em 2002

06. PAG 48

Os festivais estão de volta.
Após quase dois anos de restrições, os festivais de música voltam a invadir as ruas e espaços do DF e do Brasil

08. PAG 62

A volta do lazer em Brasília
Jovens estudantes voltam a ocupar bares e boates

ESTUDAR E VENDER

A rotina de quem trabalha como ambulante na universidade

Texto Gabriel de Sousa
Design Lucas Nunes
Ilustrador Daniel Freitas

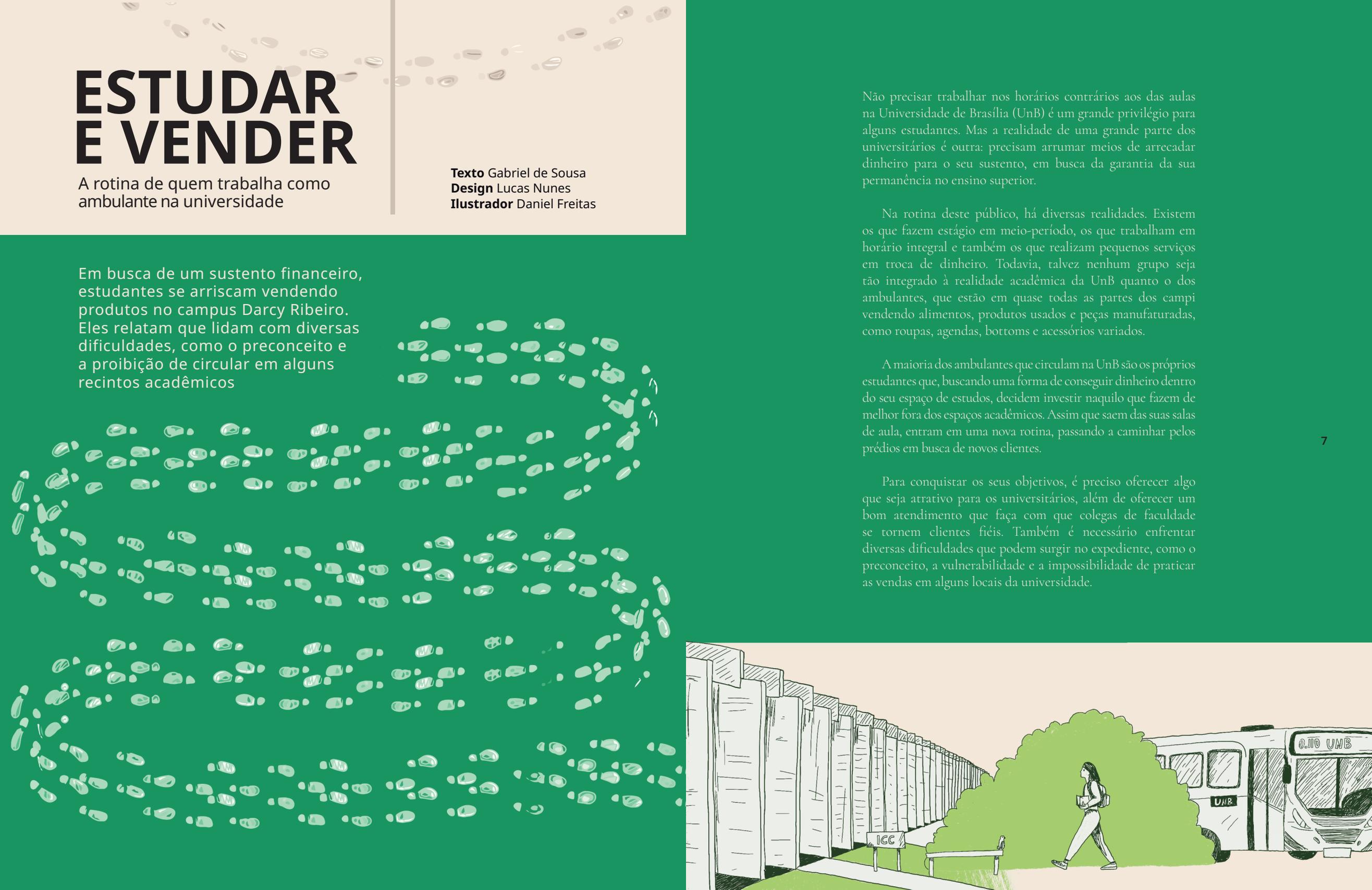
Em busca de um sustento financeiro, estudantes se arriscam vendendo produtos no campus Darcy Ribeiro. Eles relatam que lidam com diversas dificuldades, como o preconceito e a proibição de circular em alguns recintos acadêmicos

Não precisar trabalhar nos horários contrários aos das aulas na Universidade de Brasília (UnB) é um grande privilégio para alguns estudantes. Mas a realidade de uma grande parte dos universitários é outra: precisam arrumar meios de arrecadar dinheiro para o seu sustento, em busca da garantia da sua permanência no ensino superior.

Na rotina deste público, há diversas realidades. Existem os que fazem estágio em meio-período, os que trabalham em horário integral e também os que realizam pequenos serviços em troca de dinheiro. Todavia, talvez nenhum grupo seja tão integrado à realidade acadêmica da UnB quanto o dos ambulantes, que estão em quase todas as partes dos campi vendendo alimentos, produtos usados e peças manufaturadas, como roupas, agendas, bottoms e acessórios variados.

A maioria dos ambulantes que circulam na UnB são os próprios estudantes que, buscando uma forma de conseguir dinheiro dentro do seu espaço de estudos, decidem investir naquilo que fazem de melhor fora dos espaços acadêmicos. Assim que saem das suas salas de aula, entram em uma nova rotina, passando a caminhar pelos prédios em busca de novos clientes.

Para conquistar os seus objetivos, é preciso oferecer algo que seja atrativo para os universitários, além de oferecer um bom atendimento que faça com que colegas de faculdade se tornem clientes fiéis. Também é necessário enfrentar diversas dificuldades que podem surgir no expediente, como o preconceito, a vulnerabilidade e a impossibilidade de praticar as vendas em alguns locais da universidade.



Lidando com o preconceito

Um dos principais entraves enfrentados pelos estudantes ambulantes é o preconceito que pode surgir de outros colegas de faculdade. Os episódios de desrespeito fizeram com que **Rafael Carneiro**, calouro do curso de biologia, de 26 anos, e que vende brigadeiros na UnB desde 2018, começasse a se desencantar pelo trabalho que faz com tanto afinho.

Segundo ele, desde o retorno presencial das atividades acadêmicas na UnB, em 2022, os ambulantes estão tendo que lidar regularmente com o preconceito vindo de potenciais clientes, que buscam “invalidar o esforço” dos trabalhadores com ações que os inferiorizam ante os outros universitários.

8 “Eu acho que as pessoas voltaram muito mal-educadas depois da pandemia, elas desaprenderam a conviver em sociedade. Pensam que, porque a gente está vendendo doces, a gente está de alguma forma inferior, sendo que, na verdade, eu passei na mesma universidade que eles”, relata.

Rafael diz ter aprendido a fazer os brigadeiros graças ao aprendizado obtido com as matriarcas de sua família. Decidiu vender os doces em busca

de uma independência financeira em relação ao seu pai e, após comprar os seus primeiros pertences com o lucro das vendas, adotou a atividade como a sua fonte de renda principal.

Aluno do período noturno, Carneiro chega em sua casa, em Taguatinga Sul, às 23:30, e já começa a preparar os brigadeiros para as vendas do dia seguinte. Pela manhã, leva os seus doces em uma caixa, que fica em seu colo no ônibus que o transporta até o campus Darcy Ribeiro. Assim que chega na universidade, circula pelo Instituto Central de Ciências (ICC) até que todos os produtos sejam comprados por outros estudantes e funcionários.

Apesar da rotina intensa, Carneiro destaca que o trabalho como ambulante garante um lucro equivalente a um salário mínimo e compara com o valor do auxílio socioeconômico pago pela UnB, que é de R\$ 465, menos da metade do que consegue vendendo os brigadeiros.

Com a chegada da pandemia de covid-19, veio a impossibilidade de realizar o seu trabalho. Segundo o jovem, ele precisou de ajuda financeira de seus pais até o retorno das atividades acadêmicas de forma presencial, onde pôde voltar a trabalhar: “Eu fiquei bem satisfeito e alegre



quando as aulas voltaram, porque eu iria voltar a ter o meu dinheiro de novo”.

Proibição de vendas

Uma barreira enfrentada cotidianamente por aqueles que se arriscam a ser ambulantes no Brasil é a impossibilidade de vender em espaços resguardados por profissionais da segurança, que são instruídos a impedir este tipo de comércio. Na UnB, esta realidade não é diferente, já que os vendedores reclamam da proibição que é imposta pelos guardas que trabalham nos campi.

Os episódios de impedimento colaboraram para que **Ana Carolina Alves**, estudante de jornalismo de 19 anos, desistisse de comercializar pipocas no campus Darcy Ribeiro. A jovem foi ambulante por pouco menos de um mês durante o início do primeiro semestre presencial, no ano passado, alega ter deixado a ideia de lado por conta das vezes que teve que guardar os seus produtos por ordens dos guardas que trabalham na proteção da UnB.

“É óbvio que esse é o trabalho dos guardinhas, e eles não fazem por mal, mas na primeira vez que aconteceu comigo eu fiquei chocada, porque tem muita gente que depende disso. Eu não dependia do dinheiro da pipoca, mas muita gente lá dependia e não tinha esse suporte, e estão sendo

impedidas de trabalhar”, conta a estudante, ao se lembrar do período no qual trabalhou como ambulante no espaço acadêmico.

Ana Carolina conta que vendia as suas pipocas pela manhã, quando ia para as suas aulas de jornalismo. Após chegar em sua casa à noite, ia para a cozinha começar a preparar os alimentos. Sem ajuda e com apenas uma pequena panela, a estudante lembra do desgaste que teve durante a sua empreitada. “Era muito prazeroso o processo de fazer, mas, por eu estar tão cansada da faculdade e do trabalho, acabava que se tornava algo muito mais cansativo do que prazeroso no final das contas”, explica.

A estudante diz que se sentiu motivada a trabalhar como ambulante para realizar o sonho de sair da casa dos seus pais e ir morar com a sua namorada. “A gente estava se organizando financeiramente para isso, mudou de trabalho e eu pensei em começar a vender pipoca, porque eu sempre gostei de fazer”, conta.

Apesar do curto período em que vendeu pipocas na UnB, o dinheiro conquistado foi útil para a realização do seu objetivo, já que a jovem conseguiu mobilhar a nova residência que divide atualmente com a sua companheira. “A gente não tinha nada, então isso ajudou porque a gente teve que comprar muita coisa”, explica.



Hoje, Ana Carolina diz que pensa em voltar a vender pipocas por se lembrar com carinho dos elogios que recebia dos seus colegas-clientes, mas considera que, para isso, deveria alterar a sua forma de produção. “Acho que eu deveria voltar usando um outro modelo, talvez com uma máquina que deixasse mais rápido o processo, ou ter a ajuda de alguém, porque é muito cansativo”, relata.

O que diz a UnB sobre os comércios ambulantes?

Para a equipe de reportagem do Campus Repórter, a **Secretaria de Comunicação da UnB (SECOM/UnB)** explicou que, por ser um patrimônio do Poder Público, todo o comércio realizado na Universidade está sujeito a uma regulamentação e fiscalização empreendida pelos seus órgãos de controle.

A SECOM/UnB também explicou que uma resolução do seu conselho administrativo impõe que todos os espaços livres precisam de uma “permissão ou concessão de uso para toda atividade que não faça parte das rotinas administrativas ou que não estejam incluídas na programação normal das unidades acadêmicas”. Ou seja, qualquer comércio nos seus espaços necessita ser previamente aprovado pela Administração

Superior. “Essas normas visam a manter o controle sobre quem realiza vendas dentro da Universidade e também sobre o que é vendido. Elas existem para garantir a organização e a segurança, além da preservação do patrimônio da UnB”, conclui a Secretaria de Comunicação em sua nota.

Alternativas para os vendedores

Uma alternativa adotada por alguns estudantes que vendem produtos na UnB é a organização de pequenas feiras, que são originalmente organizadas com o consentimento da Prefeitura Universitária. Uma delas foi a ‘Feira das Medusas’, realizada no Ceubinho, entrada da Ala Norte do Instituto Central de Ciências (ICC), no dia 15 de dezembro de 2022, e que valorizou o trabalho de diversos comerciantes de brechós e peças artesanais.

Uma das participantes do evento foi **Giovanna Chaves**, estudante do curso de museologia, de 22 anos, que aproveitou a oportunidade para vender agendas fabricadas à mão por sua mãe. Segundo ela, foi preciso pagar uma taxa de R\$ 20 para participar, porém, o valor do investimento foi rapidamente ressarcido com o sucesso da feira, que proporcionou o faturamento de R\$ 700 para a jovem.

A mãe de Giovanna comercializa suas agendas pelas redes sociais há sete anos, sendo que a venda presencial na UnB surgiu como uma nova oportunidade para conseguir alavancar novos clientes. Segundo a estudante, os universitários fazem parte de um público que mais se interessa pelos produtos, o que a motivou a participar da pequena feira. “A gente mantém esse foco no mais jovem, que pode agregar bastante, e são agendas com um preço em conta”, explica.

Giovanna afirma que o lucro adquirido com as vendas no Ceubinho foi útil para o investimento nos estudos da mãe, que recentemente ingressou no curso de história em uma faculdade particular. “A minha mãe sempre falou que queria muito ter um diploma, porque é um sonho de realização pessoal. Sempre foi uma coisa muito forte na nossa família essa questão da educação”, explica a estudante de museologia.

A organização de novas feiras é defendida pela estudante, que diz não se sentir à vontade de vender regularmente na UnB, por questões de segurança. Segundo ela, a universidade deveria proporcionar a criação de eventos onde os vendedores sejam convidados a comercializar o resultado de seu trabalho, além de divulgar as iniciativas dos ambulantes em suas redes sociais.

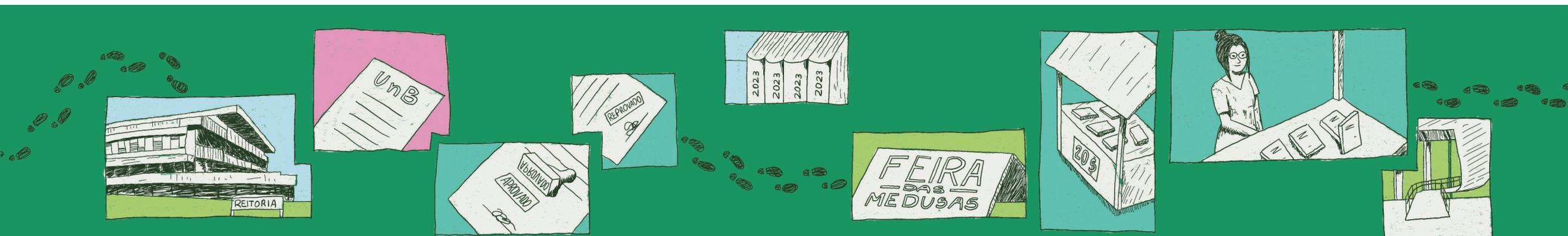
“É uma política mais afirmativa que a UnB pode fazer para ajudar os próprios alunos a divulgar o seu próprio trabalho, ajudando-os a crescer de alguma forma. Muitas vezes, o que uma estudante está fazendo ali, está atrelado a graduação dela, está construindo o seu currículo”, defende a universitária.

A UnB com um novo significado

Um dos ambulantes mais conhecidos pela comunidade acadêmica do Darcy Ribeiro é **João Vitor Trindade**, de 32 anos, conhecido pelo seu apelido como “João do Wrap”. A origem da alcunha vem do alimento que vende há seis anos da UnB: uma massa de pão achatada em torno de um recheio especial.

Assíduo conhecedor da universidade, o vendedor cursou Comunicação e Direito, mas não concluiu nenhuma. Um dia, Isabela, sua namorada formada em gastronomia, lhe preparou um wrap, lanche que o jovem jamais havia experimentado. Após se encantar pela refeição, João decidiu dar um novo significado para a UnB: voltaria para lá não mais como estudante, e sim como vendedor de algo que impressionaria os outros universitários.

João lembra que o início do empreendimento não foi fácil. Ele e Isabela





tinham apenas uma cartolina e uma caixa térmica que continha um lanche pouco conhecido pelos clientes. “Eu tinha que explicar o que era e fazer as vendas, era meio puxado. Mas foi fazendo nome, e aí, com o tempo, a gente chegava nos lugares e já vinha uma galera que já ficava olhando de longe”, recorda Trindade.

12

O primeiro ponto de vendas foi na porta da Faculdade de Comunicação (FAC/UnB), espaço onde o ex-estudante tinha bastante afeição. Com o tempo, a demanda de clientes aumentou, e, com ajuda de novos funcionários, os wraps começaram a ser vendidos em diversos pontos da universidade.

O investimento rendeu bons resultados, tornando as vendas do wrap a fonte de renda principal do casal até hoje. Todos os benefícios são frutos de um grande esforço, já que, para preparar os lanches, o casal realiza uma rotina diária de trabalho de seis horas nos dias úteis e de até 12 horas nos finais de semana. Um grande desafio para João foi quando surgiu a pandemia da covid-19, que fez com que os seus clientes não mais fossem ao campus. O ambulante diz que não teve mais dificuldades graças à

ajuda dos familiares, de economias que foram guardadas ao longo do tempo, e revela que precisou de se alimentar dos materiais que serviriam para o seu trabalho. “Tinham coisas que davam para vender para centenas de pessoas e a gente ficou consumindo por um bom tempo”, recorda.

Com o retorno das atividades acadêmicas no campus, João do Wrap conseguiu retornar para a atividade que tanto ama e se dedica: vender lanches para clientes que admiram o seu trabalho. “A gente decidiu continuar porque a gente já tinha um nome lá. Além disso, é muito satisfatório vender por lá porque a galera da UnB é bem gentil e carinhosa com a gente”, conta.

Como dica aos que desejam começar a comercializar na universidade, Trindade acredita que é essencial oferecer algo que os universitários não conseguem encontrar nos campi: “Por eu conhecer muito a UnB e saber como funciona, eu sabia que lá tinha um mercado faltando. Eu senti que faltava uma coisa nova, então eu fui preencher esse mercado para ganhar dinheiro”, explica.

NEGÓCIOS NA ÁREA DA ALIMENTAÇÃO CRESCEM E BUSCAM ESPAÇO NO MERCADO COM INOVAÇÕES

No período que marca a reabertura do comércio e a volta do lazer após anos de pandemia, perfis de indicação de restaurantes nas redes sociais movimentam o turismo gastronômico na cidade e incentivam inovações nos comércios.

Texto Alice Rafaela de Oliveira
Design Moisés Muálem, Lucas Nunes
Fotos Arthur Feitosa, Amanda Dutra, Lucas Vieira



Entre outubro de 2020 e julho de 2022 o Brasil teve um crescimento em números de vagas de emprego no setor de bares e restaurantes, com cerca de 281 mil novas vagas na área, segundo pesquisa da empresa META, dona de grande parte das redes sociais como o Facebook e o Whatsapp. Com ciência desses dados, é importante pensar em como e porque essas vagas, mesmo em um contexto de pandemia, foram geradas. Graças a procura do público por locais para exercer além da alimentação, mas também o contato com outras pessoas, a experiência de provar comidas novas e de se aventurar foi grande motivador do crescimento do turismo gastronômico no Brasil, segundo a mesma pesquisa.

O Instagram Comidas de Brasília, que atualmente soma mais de 140 mil seguidores, surgiu no primeiro ano da pandemia do Covid-19, em 2020, com o intuito de divulgar restaurantes do DF e entorno. Seu criador, Rodrigo Lourenço, é um servidor público da área de farmácia que trabalha no ramo alimentício há algum tempo. Rodrigo foi dono de um instagram de recomendações gastronômicas, o Gulagram DF, por cinco anos. Em 2017 iniciou uma coluna para o jornal Metrôpoles intitulada “Dicas do Gula”, em que realizava um trabalho parecido com o do seu perfil atual no Instagram. Seu crescimento em meio a pandemia ajudou a fortalecer o público consumidor de experiências gastronômicas, que por falta de lazer presencial, buscou alternativas para suprir essa realidade.

Rodrigo explica que seu trabalho acontece de várias formas. Pelas suas pesquisas encontra lugares novos para visitar e alimentar a página com conteúdos, mas também recebe convites de donos

interessados na divulgação do perfil. Mesmo no segundo caso, o rapaz garante que o dinheiro não compra sua credibilidade com os seguidores. Por isso, apesar de gerar renda com as publicações, ele não enxerga a rede social como sua principal fonte de faturamento, por ter a liberdade de escolher o que entra ou não na página independente de dinheiro.

Segundo Rodrigo, no período pós pandemia o retorno dos empresários com a sua divulgação foi muito positivo. “O feedback que mais me deixou feliz foi de uma empresária que disse que estava quase fechando as portas e depois da minha publicação teve que comprar mais maquinário porque a demanda tinha aumentado muito”, conta.

A divulgação da página rendeu cases de sucesso para empreendedores na cidade, como por exemplo para o restaurante Shelter em Sobradinho. Com mais de três mil seguidores no Instagram, o negócio aposta nas divulgações pagas para aumentar o número de vendas. Segundo Arthur Feitosa, proprietário do local, o período durante e pós pandemia foram significativos com a existência desse nicho de perfis. “Eles tiveram um papel fundamental para expor as inúmeras empresas que estavam operando durante a pandemia em formato adaptado”, conta Arthur. O espaço que busca ser um “abrigo”, como a própria tradução do nome diz, busca trazer opções de lanches vendidos na rua de diferentes países, como o sanduíche de falafel inspirado na culinária de rua árabe e o frango frito inspirado no Kentucky, estado dos Estados Unidos.

Com um cardápio sazonal que muda em média a cada quatro meses, o local que não se intitula como uma hamburgueria a fim de não se limitar, pretende oferecer um ambiente dinâmico e diz “não ser um restaurante, nem lanchonete, nem um pub, é um lugar com comida boa e amigável para receber a qualquer hora”, diz Arthur.

Pensando em inovar em datas comemorativas, Arthur criou o cardápio de natal, disponível durante todo o mês de dezembro com comidas típicas e elementos que compõem a data. O jantar com carne cozida, farofa e salpicão puderam lembrar o gostinho do natal caseiro,

Foto: Arthur Feitosa



enquanto o bolinho de pernil com purê de maçã e gengibre puderam explorar sabores já conhecidos nessa época do ano em outros formatos. De sobremesa o Shelter uniu o caseiro ao requintado com uma rabanada brulée, com molho inglês de baunilha, calda de morangos frescos e sorvete de creme. E para os amantes de bebidas uma combinação de dar água na boca: três drinks combinados com mix de licores.

Com o lema “Você não precisa ir ao plano piloto para comer bem”, o perfil Comidas de Sobradinho no Instagram soma cerca de 10 mil seguidores. O casal Amanda Dutra e Lucas Vieira realizam visitas e divulgações de restaurantes na cidade desde 2020, com o valor mínimo de R\$ 60,00 reais para a divulgação no perfil. Casados há seis anos e moradores da cidade há dois, Amanda relata que o perfil surgiu da infinidade de opções restaurantes com pouca divulgação própria, como um Instagram com fotos de qualidade dos estabelecimentos e dos pratos.

Amanda conta que o início do perfil foi difícil e recebia pouca credibilidade dos empreendedores da cidade, mas atualmente a maioria das publicações são parcerias pagas. Mesmo assim, o perfil na rede social ainda não é a principal fonte de renda do casal, apesar de ter gerado muitas oportunidades para eles. “A gente fez muitos amigos aqui em Sobradinho.. A gente ficou amigo de muitos empresários e seguidores também”, relata.

Foto: Moisés Muálem



Com o objetivo de ajudar o comércio local, o casal decidiu criar o primeiro evento oficial do Comidas de Sobradinho, o Mundial do Comidas. Em parceria com sete hamburguerias da cidade, eles criaram opções de lanches inspirados nos países Brasil, Argentina, Catar, Espanha, Estados Unidos, França e México, que disputaram a Copa do Mundo de 2022. Para completar a ação, na compra de cada hambúrguer o cliente recebia uma figurinha inspirada no álbum oficial do evento e, ao completar as sete, se tornava apto a participar de um sorteio no fim do evento. No total, durante o período de um mês e 15 dias, os restaurantes venderam mais de 500 hambúrgueres.

Weslane e Dailton, donos da lanchonete Betas Burger e Café, uma das participantes do evento acreditam que a experiência do Mundial do Comidas foi “extraordinária”. Para Weslane, o evento foi além da expectativa de vendas. “Essa parceria tem sido umas das melhores que tivemos, nosso público aumentou bastante desde então”, conta a proprietária.

Além do evento atípico, Amanda conta para a Campus Repórter resultados do trabalho de dois anos. “Uma vez divulgamos uma pizzaria, fomos como clientes mesmo e fizemos a produção de conteúdo. Como lá a massa é de fermentação natural e isso leva

um tempo para fazer, eles tinham um estoque para o dia normal. Depois da nossa divulgação deu 21:00 e acabaram as massas, foi muito legal porque não éramos tão grande ainda e teve esse resultado”, relata.

O fator curiosidade é um grande aliado ao sucesso das divulgações, restaurantes temáticos costumam chamar a atenção do público e viralizar nas redes sociais. Graças a isso, a tendência é que nos próximos anos, os bares e restaurantes invistam cada vez mais na estética em busca de chamar clientes.

Em 2023 o setor de bares e restaurantes deve faturar mais, em relação a 2022, segundo expectativa da seção do Distrito Federal da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel). Só para o verão foi previsto um crescimento da ordem de 20%. Porém, o caminho para esse número otimista projetado para o cenário pós-pandemia só foi possível graças ao esforço de diversas camadas da população para apoiar empreendedores do ramo.

No Distrito Federal os impostos IPTU e TLP de 2021 foram prorrogados para diversos segmentos, entre eles o de restaurante. O vencimento original dos tributos seria em quatro parcelas, e com a prorrogação foram diluídas em 12 parcelas com o primeiro vencimento somente em dezembro de 2021. Essa medida pôde ajudar ao longo do ano de 2021 a reestruturação de pequenos negócios no ramo de alimentação.



Foto: Amanda Dutra e Lucas Vieira



O SABOR
QUE TE
DEIXA NAS
NUVENS



Foto: Arthur Feitosa



PASSAGENS AÉREAS NAS ALTURAS GERAM BUSCAS POR VIAGENS ALTERNATIVAS

O aumento significativo nos preços da passagens aéreas após pandemia obrigou parte da população a procurar outros meios para viajar

Texto: Danielle Souza
Design: Danielle Souza, Lucas Nunes
Foto: Erika Souza

Os valores das passagens aéreas vêm aumentando sem parar desde a retomada de um ritmo maior de viagens, após o período crítico da pandemia da covid-19. Só entre janeiro e outubro de 2022, a alta chegou a 35%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Um levantamento feito pelo site Kayak, um metabuscador de viagens, apontou que o preço médio (já corrigido pela inflação) para uma viagem de ida e volta entre São Paulo e Rio de Janeiro estava 11,59% mais alto em 2022 (R\$ 640) do que em 2020, antes da pandemia.

De São Paulo para Brasília, o salto é de 30,79% (para R\$ 794), enquanto da capital paulista para Porto Alegre a alta é de 42,27% (para R\$ 1.063). Tais buscas foram realizadas entre 10 de agosto a 10 de outubro de 2022, para viagens entre primeiro de novembro do mesmo ano e 30 de janeiro de 2023, comparando o mesmo período em 2019.

O consultor macroeconômico Raul Velloso explica que um dos fatores que contribuíram para o aumento nos valores das passagens foi a forte subida dos preços dos combustíveis de aviação em decorrência da guerra Ucrânia-Rússia, que jogou os custos variáveis das empresas de aviação para cima.

De acordo com o presidente da Associação Brasileira das Empresas Aéreas (Abear), Eduardo Sanovicz, qualquer mudança na precificação do querosene de aviação (QAV) impacta diretamente no valor pago pelos consumidores de passagens aéreas.

Em entrevista à rede CNN, ele explicou que o aumento do produto acaba sendo repassado ao bilhete comprado pelos passageiros. Ressaltou que, no Brasil, o querosene corresponde, em média, a 40% do preço de uma passagem, enquanto a média mundial é de 20% a 24%.



Salvador-BA, Farol da Barra

Velloso diz que a pandemia produziu uma forte queda na demanda por viagens, principalmente, devido à forte queda de renda das pessoas durante seu período mais crítico, em 2020. No entanto, isso acabou pressionando para cima o preço das passagens.

“Isso se deu em face do elevado custo fixo das empresas de aviação (arrendamento de aeronaves e o custo de sua operação), que é o mesmo, muito alto, não importando se o avião esteja lotado (quando a

receita é a máxima possível) ou se tem poucos passageiros. Nesse tipo de situação, as empresas, em tese, só não caminham para a quebra, se puderem aumentar o preço das passagens”, disse na entrevista.

No dia 20 de janeiro de 2023, os presidentes da Gol, Celso Guimarães Ferrer Junior, e da Azul, John Rodgeron, além do diretor financeiro da Latam, Felipe Pumarino, se reuniram com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, para apresentar demandas do setor a fim

de evitar aumentos nos das passagens aéreas. Essa reunião ocorreu depois do governo colocar a reoneração dos combustíveis, incluindo o querosene de aviação, na lista de medidas que visam recompor as receitas do governo.

Raul acredita que os preços das passagens devem voltar a “normalizar” quando a pandemia de fato acabar ou, se diante de eventuais falências de empresas aéreas, o governo resolva subsidiá-las para assegurar um mínimo de operação.

Viagens alternativas

Para viajar de avião, o turista tem que dispor de um valor mais elevado, quantia que está fora da realidade financeira de muitos brasileiros, considerando que parte deles dispõe de um salário mínimo no valor de R\$ 1.302,00 para passar um mês. Por isso, para não depender dos serviços de empresas aéreas, algumas pessoas estão recorrendo a viagens alternativas para continuar passeando. Entre as alternativas estão as viagens em grupo, excursões e viagens curtas de carro.

As viagens em grupo podem fazer com que se gaste menos durante o percurso, já que todas as despesas, incluindo alimentação e hospedagem, tendem a serem divididas entre os membros.

Excursões

Algumas empresas que realizam excursão, como a agência Turismo Goiás, que oferta opção apenas para municípios goianos, tem em seu catálogo viagens no estilo bate e volta, em que o turista embarca pela manhã, vai a determinada localidade próxima ao seu estado ou cidade, e retorna ao final da tarde. Tal modalidade possibilita a quem não tem muitas condições financeiras, fazer uma viagem curta sem gastar muito e sem perder a diversão. Assim como a Turismo Goiás, atualmente, essas empresas trabalham apenas na internet e grupos de Whatsapp.

Esse tipo de viagem é comumente realizada por amigos, no entanto, hoje, já existem grupos organizados por pessoas com interesses em comum que podem ser encontrados em aplicativos de viagem compartilhada, sites de viagem em grupo e até mesmo nas redes sociais.

Outra alternativa buscada por turistas são as excursões, em que o itinerário geralmente é definido por especialistas que conhecem bem o destino, visando apresentar a melhor experiência aos seus clientes. A maioria das empresas oferecem vantagens em seus pacotes, como refeições e hospedagem inclusas em um único valor, fazendo com que o passeio acabe trazendo um ótimo custo benefício ao usuário.



As viagens de carro, mesmo com o alto custo da gasolina, também vem sendo uma das alternativas daqueles que buscam driblar os preços impostos pelas companhias aéreas. Com isso, muitos turistas estão optando por reunir a família e chegar ao seu destino por terra. É o caso do nutricionista Felipe Thiago Marques Dos Santos, de 26 anos, de Brasília, que tem o costume de viajar de carro com a família, bem como dividir as despesas com os ocupantes do veículo. Ele juntou duas alternativas: viagem em grupo e de carro.

Felipe acredita que o aumento nos preços das passagens aéreas fizeram com que os usuários buscassem outras formas para conseguir viajar. Para ele, o carro traz benefícios. **"Você tem o meio de locomoção no local que pretende ir, sem ficar refém de transporte público ou aplicativos de transporte"**, disse, sem descartar os pontos negativos. **"O tempo de viagem pode levar mais de 17 horas, dependendo do lugar desejado, além do alto risco de acidentes nas estradas"**.



24

Para poupar gastos, alguns turistas estão aproveitando para conhecer municípios próximos ao seu estado. Esse é o caso da estudante de direito da Universidade de Brasília Rayane Moraes, de 24 anos, que sempre viaja de carro com a família para cidades goianas, próximas do Distrito Federal, onde mora. "Ter um tempo de lazer e descanso é essencial para qualquer pessoa. Com os preços das passagens e hospedagens altas, a saída que encontramos é fazer passeios para lugares mais próximos".

Rayane explica que, mesmo com os imprevistos normalmente enfrentados por quem viaja de carro, como o pneu do veículo que fura, há coisas que apenas esse tipo de experiência possibilita. "Quando você viaja de carro, acaba conhecendo mais lugares. Consegue parar e conhecer cidades antes de chegar ao destino final. Também há mais espaço para levar malas e presentes", diz.



25

Tendências

A professora do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília Angela Teberga, explica que, em 2023, a tendência é de que as pessoas passem a aderir um segmento do turismo bastante utilizado nos últimos anos, o staycation, uma maneira de se aproveitar os passeios e equipamentos turísticos da própria cidade em que se vive.

"O movimento ganhou forças nos Estados Unidos, na Inglaterra, e se popularizou com

certeza, durante a pandemia, por razões sanitárias e a impossibilidade de fazer viagens", conta. Outra tendência que a especialista destaca é o turismo de proximidade e as viagens de curta distância.

De acordo com Angela, o movimento vem ganhando força. "Ele também ganhou popularidade durante a pandemia. É um movimento de diversas expressões de turismo doméstico, articulado em torno da proximidade dessa residência onde o turista reside", explica.

Previsões futuras

Segundo pesquisas realizadas por empresas de referências no mercado do turismo, as viagens virtuais podem ser tendência nos próximos anos. Isso não significa que você vá viajar apenas no metaverso. Uma pesquisa mostrou que 43% dos turistas estão abertos a usar a realidade virtual para inspirar os próximos destinos.

Então, talvez, no futuro, seja possível se transportar para um lugar desconhecido usando óculos de realidade virtual. Já outros participantes não gostam da ideia, e acreditam que ver um lugar através de experiências virtuais não é o suficiente para dizer que o conheceu.

COMO O HEXACAMPEONATO SAIU VOANDO

É a quinta eliminação seguida da seleção brasileira de futebol desde o título em 2002

Texto Lucas Eduardo Rodrigues

Design Lucas Nunes

Apesar da abertura da Copa do Mundo entre Qatar e Equador ter acontecido no dia 20 de novembro, para o brasileiro, a Copa começou antes, no dia 7, com o anúncio dos 26 atletas que viriam a compor a seleção que poderia chegar à sexta taça.

Poucos minutos após o anúncio, os nomes do até então contestado Daniel Alves, de 39 anos, recordista de títulos no futebol com 43 taças na carreira, e Gabigol, camisa 9 e campeão da Copa Libertadores pelo Flamengo, juntos, já tinham mais de 9,8 milhões de citações no Twitter, sendo o primeiro e terceiro assunto mais comentado na rede social. Alves que na época atuava no Pumas, do México ganharia mais um protagonismo, dessa vez fora dos gramados, preso na Espanha em meados de janeiro de 2023, após uma denúncia de abuso sexual.

Os outros 25 nomes convocados foram aceitos sem muitas divergências pelo brasileiro na internet e ali começava oficialmente a empolgação pelo hexacampeonato. Mas tudo não passou mesmo da empolgação e expectativa, com a eliminação antes de chegar à semifinal. Nesta edição Campus Repórter traz um resumo de mais uma frustração no país do futebol.

Pombo da paz

Talvez a primeira vitória do Brasil na Copa do Mundo tenha vindo pelas mãos, ou melhor, pelos pés da Arábia Saudita, na maior zebra desta Copa do Mundo, ao vencer a Argentina, dois dias antes da estreia da seleção brasileira, mas os primeiros três pontos quem garantiu foi Richarlison, o Pombo, jogador do Tottenham da Inglaterra. Muito além de “só” dos dois gols da vitória por 2 a 0 na estreia contra Sérvia no dia 24 de novembro, Richarlison também ajudou a unir um país tão polarizado e com divergências sobre apoiar ou não a seleção canarinho. O segundo gol, uma pintura de voleio, posteriormente foi eleito o gol mais bonito da Copa do Mundo.

Richarlison é um jogador que, além do que faz no campo, se destaca por sua participação em causas sociais. Em 2021, por exemplo, foi nomeado embaixador do programa USP Vida, da Universidade de São Paulo, de apoio a pesquisas e ações no combate à covid-19, após incentivar seus seguidores a tomar a vacina e leiloar chuteiras para apoiar financeiramente a instituição de ensino. O que cativou de vez parte da população que rejeitava os símbolos da CBF, principalmente após o apoio do camisa 10 e maior estrela do time, Neymar Júnior, ao candidato à reeleição, Jair Bolsonaro.

Reencontro

O jogo contra a Suíça, no dia 28 de novembro foi marcado pelas dúvidas, com a lesão de Neymar confirmada e sem data certa para sua volta. Tanto os jogadores quanto os torcedores que se reuniram para ver o jogo estavam nervosos. Era visível nos rostos e nas palavras dos brasileiros a ansiedade em busca de soluções para quem poderia substituir o camisa 10. Wagner Ribeiro, que é operador de máquinas, ainda estava no ônibus que pegou na Asa Sul, indo para o Sol Nascente, uma das regiões administrativas que fica a 34 quilômetros de Brasília. Wagner iria se reunir com os amigos e brincou: **“Ainda bem que o problema de escolher não é meu. Por mim, o Tite coloca até o Daniel Alves, só quero que dê um jeito e que ganhamos o hexa”**, causando risos entre alguns os outros passageiros.

O escolhido pelo treinador foi Fred, jogador do Manchester United, da Inglaterra, mudando a caracterís-

tica do time, tornando-o mais defensivo, mas mantendo o desempenho. Mesmo com drama, Casemiro, jogador até então do Real Madrid (hoje no Manchester United) marcou aos 38 minutos do segundo tempo e tirou o grito de gol, entalado na garganta do torcedor. Com a vitória, o Brasil garantiu a vaga para as oitavas de finais, faltavam ali “apenas” quatro jogos para o título.

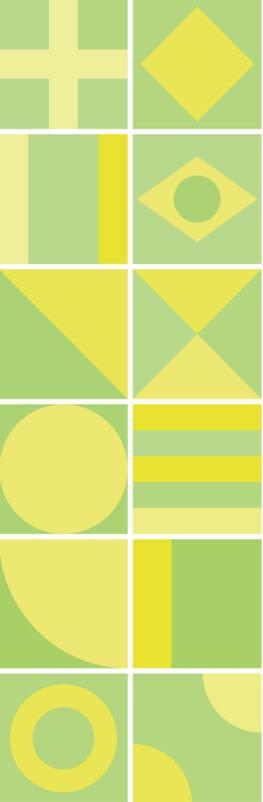
Camarões

O jogo contra a seleção de Camarões, no início da tarde do dia 2 de dezembro, na prática, foi só para cumprir tabela. A seleção brasileira já classificada, podia até perder, que estaria na próxima fase. Por isso, o técnico Tite optou por entrar com 11 reservas para jogar contra a equipe africana que precisava aplicar uma goleada e de uma combinação de resultados no outro jogo do grupo para se classificar.

Com os torcedores em Brasília o clima não foi diferente no Fan Fest, um local montado especificamente para os torcedores de futebol se reunirem para torcer próximo à Esplanada dos Ministérios. O desejo do torcedor era aproveitar o início do final de semana alongado, por conta do ponto facultativo que começou pouco antes do jogo naquela sexta-feira. O designer Cleiton Marques, de 23 anos, estava procurando os amigos que já haviam chegado para ver o jogo e, entre risos, contou que o Brasil podia perder, porque ele já tinha ganhado quando o chefe liberou os trabalhadores para ver a partida. **“Agora é só segunda-feira, não perguntem por mim”**. No aquecimento para a partida, duas caixas de sons eram comandadas por um DJ que tocava do funk ao sertanejo. Em campo, o Brasil de fato perdeu para Camarões por 1 a 0, a primeira derrota da história do Brasil contra países africanos em Copas do Mundo.

Mata-mata

O clima para o primeiro jogo de mata-mata da seleção na Copa era outro. A Coreia do Sul, que passou na segunda colocação do grupo H, e apesar do craque Son Heung-min, do Tottenham, é um país sem tradição no futebol, o que impulsionou ainda mais a expectativa dos torcedores que esperavam uma grande vitória. A mídia internacional esperava uma vitória, mas, em parte, por outros motivos. O jornal Marca, da Espanha, por exemplo, tinha na capa “Joga Bonito



por Pelé”, lembrando da situação de saúde delicada do Rei do futebol naquele momento.

No dia do jogo, 5 de dezembro, nem mesmo a chuva intensa que caiu na capital do país desanimou o torcedor que se reuniu no Beer House para assistir ao primeiro jogo da fase de mata-mata contra os sul-coreanos, que começou às 16 horas. O que talvez seja o bar mais tradicional da Ceilândia, cidade a 31 quilômetros do Plano Piloto, localiza-se na avenida Hélio Prates, conta com música ao vivo, uma televisão para cada mesa do Bar e que reúne, desde 1985, torcedores todo domingo para acompanhar jogos de futebol.

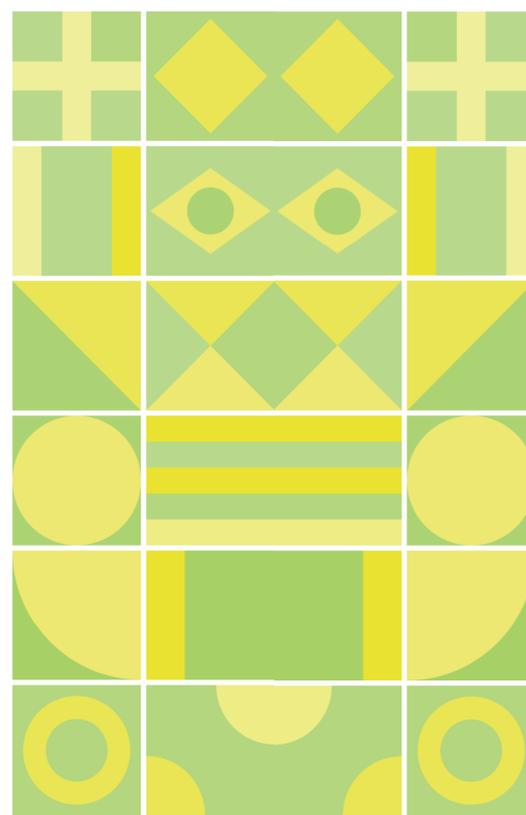
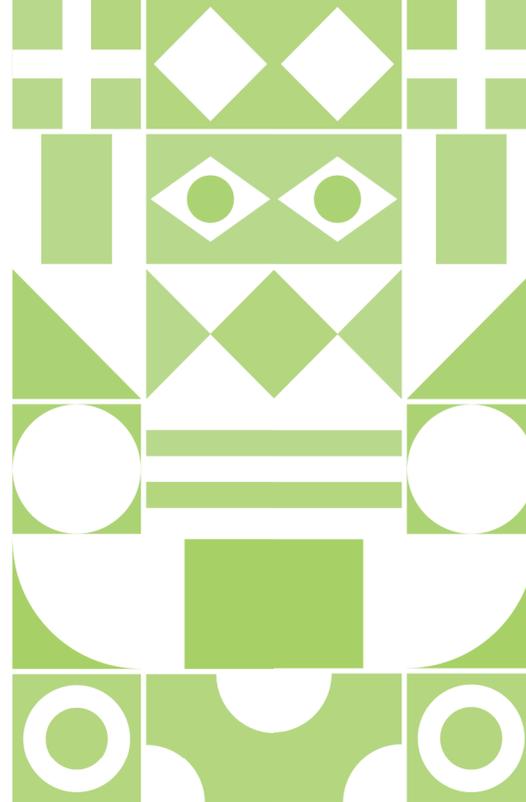
O bombeiro Jorge Amaral, de 49 anos, previu o que seria a partida: **“Hoje vamos golear, não tem para ninguém, é Brasil”**. Vanessa Abrantes, advogada e esposa de Jorge, tinha dúvidas se seria fácil assim, mas esperava também uma vitória: **“Vamos ganhar mas acho que com um gol no finalzinho, igual contra a Suíça”**.

Antes da partida, os jogadores brasileiros entraram em campo com uma faixa escrita “Pelé”. Sutil, mas a mensagem foi recebida com muitos gritos e aplausos da torcida que estava na frente da televisão. Já no primeiro tempo o palpite de Jorge se concretizou. Brasil 4x0 antes do intervalo e vaga encaminhada para as quartas de final. A filha de Jorge, Alice Amaral, de apenas 11 anos, vivia ali a sua primeira copa do mundo da qual certamente vai se lembrar no futuro.

Após a goleada o clima não podia ser melhor, muita festa, bebida e gritos de “Brasil” a cada minuto ecoavam pelo estabelecimento. Somente após às nove da noite o bar começou a esvaziar e os ânimos se acalmaram. Faltavam três jogos para o título.

Croácia, o fim do sonho

O jogo contra a Croácia, pelas quartas de finais, no dia 9 de dezembro, não podia ser em um horário melhor. Em plena sexta-feira, ao meio-dia, a jornada de trabalho foi reduzida e o final de semana começaria com uma classificação para a semifinal do torneio. Ao menos era o que achava o torcedor que se reuniu na Praça da Bíblia, no setor P norte, em Ceilândia, onde havia um telão montado pelos próprios moradores para acompanhar o embate. Mesas, cadeiras, e vendedores de



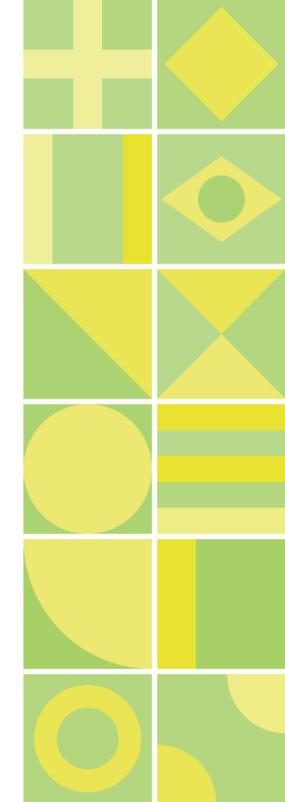
bebidas e comidas abasteciam o torcedor que estava louco para que a bola começasse a rolar.

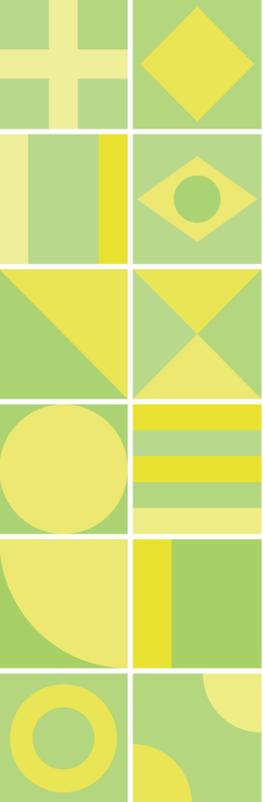
O segurança de 34 anos, Walter Almeida, que ainda estava de camisa social do trabalho, já pensava em um histórico confronto contra a Argentina na próxima fase: **“Hoje vai ser tranquilo, o Brasil é bem melhor que a Croácia, quero saber é se a Argentina vai ganhar mais tarde para jogarmos contra eles”**. O otimismo não era só de Wagner, a página no Instagram “desimpedidos”, com mais de 9 milhões de seguidores, publicou na manhã daquela sexta-feira a legenda: **“Messi e Mbappe que se preparem, o Brasil não terá piedade”**, em referência aos camisas 10 de Argentina e França, respectivamente. Até o torcedor brasileiro mais pessimista parecia estar certo da classificação naquela manhã, antes do jogo começar. Parecia.

A confiança foi sendo minada no decorrer do jogo, pois logo de início a Croácia se prostrou no campo ofensivo e criou desconforto no torcedor. O grupo reunido ali na Praça da Bíblia, que antes fazia muito barulho, estava com os olhos arregalados vendo o telão, e todos, nervosos, esperavam que Neymar ou Vinicius tirassem um coelho da cartola. Destaca-se que Vinicius, jogador do Real Madrid, da Espanha, um dos mais novos da seleção e em sua primeira Copa, como um fenômeno foi eleito o 8º melhor jogador do mundo em 2021.

O placar de zero a zero se manteve, muito por conta do goleiro croata Dominik Livaković, que repetidas vezes parou o ataque brasileiro. Já se sabia que o goleiro corata poderia fazer a diferença, havia pegado três penalidades contra o Japão na fase anterior. Além disso, a Croácia tem um padrão de decidir jogos após o tempo regulamentar. Em 2018, a seleção croata que foi vice-campeã da Copa, se classificou contra Dinamarca e Rússia nos pênaltis e chegou na final após ganhar por 2x1 da Inglaterra na semifinal, já na prorrogação. Era conhecido o recente histórico da seleção Croata com tradição em classificações após os 90 minutos, o que preocupa os brasileiros.

Faltavam 15 minutos para as duas horas da tarde, quando o juiz terminou o tempo regulamentar. A prorrogação aumentou os nervos da torcida. Laura Campos, estudante de 18 anos, sequer tinha nascido quando o Brasil ganhou a última copa do mundo, em 2002. A confiança de que essa seria a sua vez e que se juntaria aos seus pais, avós e bisavós,





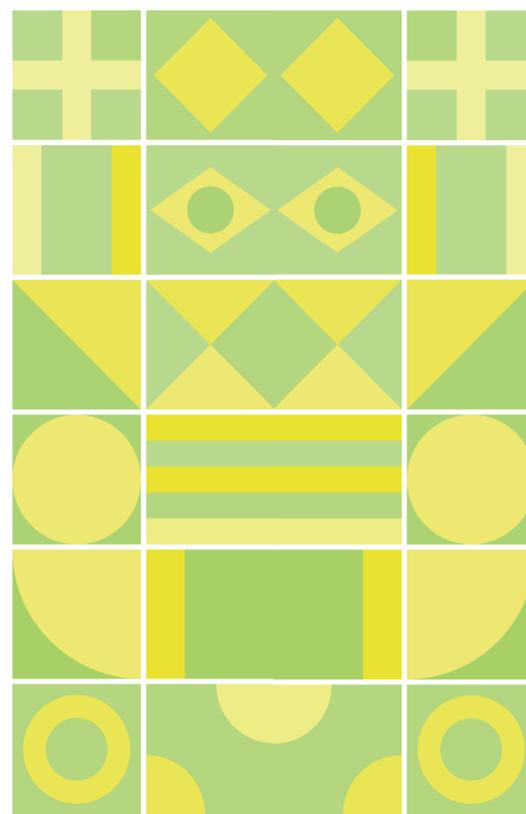
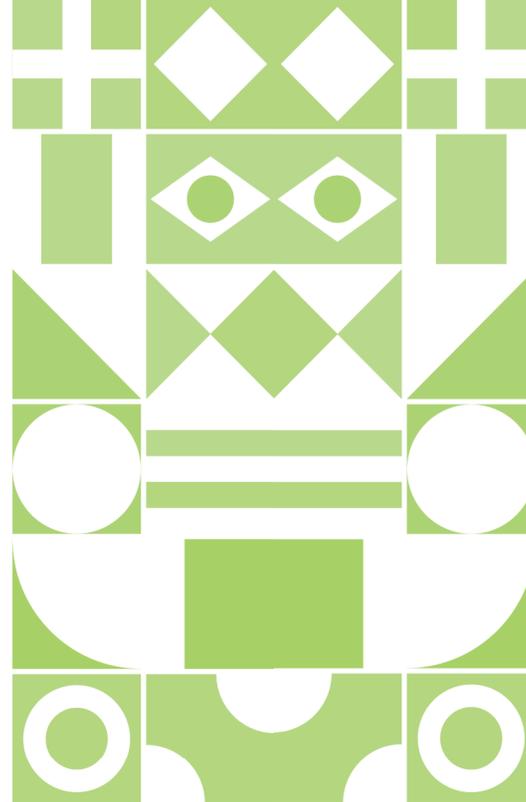
que viram – ou ouviram pelo rádio – a Seleção levantar a taça do mundo, estava diminuindo: **“Eu achei que seria mais fácil, não esperava passar tanto nervosismo, mas vamos passar, eu acho”**, disse, entre risos nervosos.

No final do primeiro tempo da prorrogação, no último lance, Neymar tira da cartola o gol que todos estavam esperando, Brasil um a zero. Os quase cem torcedores que se reuniram na Praça da Bíblia ficaram eufóricos, fogos, buzinaços e muito, muitos gritos. Faltavam apenas 15 minutos para a classificação. Mas no segundo tempo, com pouco menos de 5 minutos para acabar, a euforia vira drama: Bruno Petković, atacante croata empata o jogo e leva mais uma vez a Croácia para uma decisão de pênaltis.

A tensão e o silêncio marcaram desde o começo das cobranças de pênalti. Cresceram ainda mais após o jovem Rodrygo, jogador do Real Madrid, da Espanha, de apenas 21 anos, ver o goleiro croata parar sua penalidade. Os seis pênaltis seguintes, dos dois times, foram convertidos, até que o chute do zagueiro Marquinhos, de 28 anos, que joga no PSG, da França e é um dos mais experientes jogadores da seleção brasileira, foi para a marca da cal e parou na trave. Ali acabou o sonho do Hexa, pelo menos desta vez. Neymar, que estava a cinco minutos de se tornar herói fazendo o gol da vitória, virou o vilão, pois o atleta sequer cobrou sua penalidade.

Entre lágrimas, a jovem Laura não poupou o craque brasileiro: **“Ele é um ídolo, não pode fugir da cobrança, não pode deixar a gente assim. Agora não sei se vou ver o Brasil ser campeão algum dia.”** Neymar talvez seja o melhor bater de pênaltis do mundo e não chegou a cobrar. Segundo ele, na zona mista após o jogo, ele batera o quinto pênalti, logo após Marquinhos. **“Já havia definido que cobraria o último pênalti, sempre fui o último, combinamos antes de começar”** disse Neymar à TV Globo. É bem verdade também, que não há lista oficial de batedores, então ele sabendo da importância de marcar o gol, poderia, segundo a regra, ter a atitude de cobrar o pênalti que Marquinhos desperdiçou, ou mesmo logo no começo, como fizeram estrelas de outras seleções.

O bar na praça que carrega o nome da Bíblia ficou em silêncio após a derrota. Uma ou outra conversa que revelava



a indignação dos torcedores por vezes era ouvida, mas nada comparado ao que acontecia antes da partida. Muitos sequer almoçaram no bar, perderam a fome e voltaram para suas casa a fim de digerir a eliminação.

Com a derrota nos pênaltis para a Croácia, a seleção brasileira amarga cinco partidas seguidas sem vitórias contra europeus em mata-matas de Copa do Mundo. A última vitória, curiosamente, foi o 2 a 0 contra a Alemanha, na Final da Copa do Mundo de 2002, realizada no Japão e na Coreia do Sul. Desde lá, França 1 a 0 (quartas de finais) em 2006, Holanda 2 a 1 (quartas de finais) em 2010, Alemanha 7 a 1 (semi-final) e Holanda 3 a 0 (disputa por terceiro lugar) em 2014. a Bélgica bateu o Brasil de 2 a 1 (quartas de finais) em 2018 e agora o 1 a 1 contra a Croácia e derrota nos pênaltis por 4 a 2 nas quartas de finais da Copa do Catar.

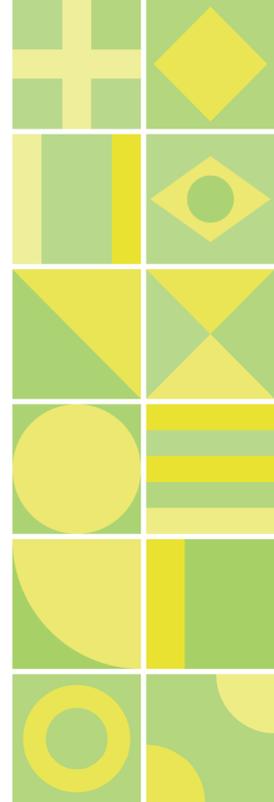
Laura pode sim ver o Brasil ser campeão em alguma próxima copa, mas é bem verdade que em 2026, a próxima, a seleção canarinho irá igualar o maior jejum de todos os tempos, os mesmos 24 anos que amargou desde 1970 até a glória na Copa de 1994.

Uma copa histórica

Na grande final da última Copa do Mundo com 32 seleções, Argentina e França se enfrentaram em um jogo épico, considerada como a melhor final de todos os tempos. Antes do jogo, os brasileiros se encontram numa situação embaraçosa: torcer para a Argentina, rivais quase que desde sempre, ou para a França, carrasco histórico do Brasil nas copas de 1998 e 2006.

No fim das contas, os hermanos levaram a melhor nos pênaltis, após duas horas de jogo que passaram em segundos. Num jogo emocionante em que, exceto os franceses, o resto do mundo que parou para admirar saiu em êxtase com o espetáculo estrelado por Messi e Mbappé.

A próxima Copa do Mundo, em 2026, assim como em 2002 quando o Brasil se sagrou campeão, será sediada em mais de um país. México, Canadá e Estados Unidos dividirão os jogos das 46 seleções, 12 a mais que no formato atual, que lutarão dentro de campo para conquistar a taça do mundo.



DE VOLTA ÀS RUAS

Primeira Copa pós-pandemia é marcada por retorno de tradições no DF. Torcedores da capital se reúnem para dar vida às quadras em tons verde e amarelo.

Texto: Karolini Bandeira
Design: Jeovana Carvalho,
Lucas Nunes

Mais uma vez, o hexa não veio. Pela segunda vez seguida, a seleção brasileira caiu nas quartas de final, em uma eliminação nos pênaltis para a Croácia. A derrota, apesar de triste, não tira a esperança dos torcedores brasilienses, que, assim como após a edição de 2018, agora contam o tempo para vibrar pelo time na Copa de 2026 da melhor forma possível: juntando os vizinhos para decorar as ruas com pinturas, bandeirinhas e grafites nas cores verde, amarelo e azul.

A cada quatro anos, os moradores da QI 2 do Guará, região administrativa da capital, se organizam para levar às ruas o clima de Copa pouco antes do início dos jogos.

É uma tradição, segundo o prefeito da quadra, Francisco Xavier. Conhecido como Pequito, o senhor de 64 anos que cresceu no local diz que pintar as ruas virou um costume passado de geração para geração.

A tradição vai desde os mais experientes aos pequenos. As fitas verde e amarelo penduradas entre um poste e outro foram amarradas pelas crianças. O meio fio, pintado por adultos.

“As famílias que moram aqui se conhecem há muito tempo. Toda a decoração é financiada por colaboração entre os moradores. Alguns ajudam com dinheiro, uns buscam os materiais, outros colocam a mão na massa. É assim que fazemos”

Francisco Xavier

Para Pequito, o processo também é um momento de lazer, harmonia e cumplicidade entre a vizinhança. As famílias da QI 2 também costumam enfeitar a quadra em outras festividades, como festa junina, carnaval, natal e dia das crianças.

O resultado do empenho foi reconhecido pela administração local, que promoveu um concurso da melhor decoração de Copa do Mundo com troféu. A QI 2 venceu a votação por 4 a 1. A QE 38 do Guará, que homenageou o mascote brasileiro Canarinho em pintura no asfalto, ficou em segundo lugar.

Na ponta sul do quadradinho, em Santa Maria, o dono do quiosque Burger Beer, Rodrigo Monteiro, 42, decidiu enfeitar as árvores ao redor do estabelecimento enfaixando-as nas cores da bandeira para animar o quiosque e chamar mais clientela. Durante o campeonato, o local passou a abrir em horários especiais para transmitir os jogos. A estratégia, claro, deu muito certo. **“O quiosque ficou bem cheio durante a Copa. Vários clientes elogiaram os efeitos, também. Foi um sucesso para o ambiente e para as vendas. Que venha a próxima Copa”,** brincou.

Foi a primeira vez que o Burger Beer apostou na ornamentação. A decoração foi feita por Rodrigo e funcionários, com material TNT e faixas de plástico. Segundo o dono, tudo saiu **“bem baratinho”,** e apesar de não ser uma tradição do local, o processo deve ser repetido nas próximas edições. **“Tivemos um resultado bem interessante. Gostei tanto de como ficou que acabei deixando a árvore enfeitada mesmo após o final da Copa. Da próxima vez, vou me esforçar mais nos enfeites, quem sabe assim o hexa vem.”**

Apesar de ser tradição em várias comunidades, alguns cuidados devem ser tomados ao enfeitar a rua. Concessionária de energia, a empresa Light alerta que a atividade de pendurar fitas em fios de alta tensão pode ser perigosa em caso de contato indevido.

Segundo a concessionária, alguns cuidados devem ser tomados ao decorar postes. A orientação é que as bandeirinhas sejam confeccionadas em plástico e presas com barbante comum. Outra indicação é amarrar as bandeirinhas de poste a poste, sempre um metro abaixo da rede elétrica.

A população deve evitar materiais metalizados, de papel-alumínio ou papel laminado, já que são condutores de eletricidade e podem causar choque elétrico. O mesmo serve para fios de cobre e arames.



Pandemia e distanciamento

Além de sequelas físicas, pandemia da Covid-19, com auge em 2020 e 2021, deixou diversas marcas na saúde mental dos brasileiros. Conforme dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil já liderava o ranking global de casos de ansiedade antes da pandemia de Covid-19, com 18,6 milhões de pessoas com o transtorno – e também ganhava nos números de incidência de depressão entre os países da América Latina. Após mais de dois anos traumáticos marcados por perdas, isolamento, medo e insegurança, vemos índices ainda mais preocupantes de transtornos mentais.

Ainda segundo a OMS, o número de relatos de depressão também eclodiu após a pandemia, afetando mais de 350 milhões de pessoas em todo o globo.



O aumento na procura por ajuda profissional no Brasil – de até 25% nas consultas psiquiátricas em 2021, segundo a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) – sinaliza uma população que ainda não se recuperou do cenário que, apesar de escala menor, ainda está sendo enfrentado.

Médico psiquiatra da rede de hospitais Santa Lúcia, Fábio Aurélio Leite alerta para os indicadores de suicídio no Brasil, que crescem ano a ano e destoam da queda na taxa mundial – enquanto os outros países registraram diminuição de 36% nos casos de suicídio em 2019, dados do DataSUS de 2020 apontaram para aumento de 35% em um período de nove anos no país.



– A escalada de números de suicídio no Brasil já é motivo suficiente para que a saúde mental seja vista como prioridade. Há, agora, sequelas da pandemia, que ampliou ainda mais os casos de transtornos mentais no mundo, em especial no Brasil, segundo país com mais mortes por Covid – aponta Leite.

Ter momentos com as famílias, amigos e vizinhança, como os que Pequito e Rodrigo tiveram, é arma importante no combate a transtornos psicológicos.

Segundo o especialista, apesar de simples, essas atitudes são grandes aliadas na prevenção de problemas: isso inclui desde a se juntar com pessoas queridas em momentos como a Copa a sair com amigos, ter o hábito de conversar com familiares e ir ao cinema com uma boa companhia.

Especialistas já consideram que estamos vivenciando uma nova pandemia na área da saúde mental e passar o tempo com pessoas próximas é comprovada cientificamente para manter o equilíbrio: conforme um estudo da revista BMC Public Health, desenvolvido no Instituto Finlandês de Saúde Ocupacional, homens e mulheres que vivem sozinhos têm até 80% mais chances de desenvolver depressão ante a pessoas que moram com outras pessoas.

“Se você quer reforçar os laços com pessoas próximas, telefone, mande uma mensagem. Visite seu vizinho, marque de saírem juntos. A dica também vale para o ambiente de trabalho, você pode se aproximar deles e socializar para além do profissional. Aproveite datas comemorativas para praticarem hobbies juntos”, indica o psiquiatra.

POR TRÁS DAS CÂMERAS E DOS EQUIPAMENTOS: FOTOGRAFIAS STILL DO CENÁRIO AUDIOVISUAL BRASILENSE



Esses ensaios buscam retratar, por meio de stills, sets de filmagem do ambiente audiovisual em Brasília, focando principalmente na parte dos bastidores e das pessoas envolvidas nas gravações como diretores, produção, maquinários, etc. A intenção é mostrar um pedacinho da magia que está por trás de produções como o curta “Frutinha” (Bloco UnB) e o longa independente “Casebre” (apoio do Fundo de Apoio à Cultura DF).

FRUTINHA





CASEBRE





OS FESTIVAIS ESTÃO DE VOLTA

Após quase dois anos de restrições, os festivais de música voltam a invadir as ruas e espaços do DF e do Brasil

Texto: Gabriella de Castro Landim
Design: Lucas Nunes

Fotos: Luara Baggi



Os sons, cores e a energia calorosa dos festivais musicais fizeram falta durante o período mais severo da pandemia de covid-19. Para festivais de grande porte, como Lollapalooza e Rock In Rio, realizados em São Paulo e no Rio de Janeiro, o retorno veio somente em março e setembro de 2022, respectivamente. No último, inclusive, organizadores, artistas e público passaram pela frustração do adiamento dos shows para um ano depois, diante de uma nova onda do vírus e da pandemia.

No Distrito Federal, o retorno dos shows com público foi anunciado pelo então governador Ibaneis Rocha (MDB) ainda em 21 de setembro de 2021. Anteriormente, os eventos musicais eram autorizados somente em formato drive-in e ao ar livre com distanciamento de dois metros e controle da quantidade de público? O decreto veio acompanhado de comemoração, embora ainda contida, e da volta de alguns

festivais tradicionais no quadradinho, como o BOCADIM, que acontece no DF desde 2014 e retornou presencialmente em 11 de dezembro de 2021, em qual lugar? A maioria dos festivais, no entanto, voltou apenas no decorrer de 2022.

Mas não foi só a diversão que saiu prejudicada com essa parada dos eventos por conta da pandemia. Cultura, arte, educação e mobilização social são alguns dos pontos marcantes dos festivais em Brasília. E se o público estava ansioso para esse retorno, mais ainda quem vive da sua produção.

O subsecretário de Fomento e Incentivo Cultural da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, área responsável pelo Fundo de Apoio à Cultura (FAC) João Moro, relata que o FAC investiu em edital voltado exclusivamente para apresentações online, de modo a tentar fortalecer a cadeia da cultura no período



de restrições. **“Quando a gente vai a algum evento cultural, a gente não tem muita noção de tudo que tem por trás disso. Da pessoa que trabalha para limpar, da pessoa que trabalha na iluminação, da pessoa que trabalhou montando o projeto, da pessoa que trabalha no financeiro, da pessoa que faz assessoria de imprensa”**, explica.

Segundo João Moro, no edital Brasília Multicultural II de 2021, já após a abertura para festas presenciais, foram mais de 170 inscrições para cerca de 40 vagas para feiras, eventos, mostras e festivais tradicionais. Anterior a essa seleção ocorreu a iniciativa do Meu Primeiro FAC, que buscou trazer novos nomes da cultura. A ideia desses dois blocos de editais é buscar o equilíbrio entre aumentar o leque de produções culturais e investir em eventos de grande porte para movimentar a economia e gerar emprego.

Amanda Bittar, 29 anos, é uma das idealizadoras do Favela Sounds, festival tradicional de Brasília que acontece de forma gratuita desde 2016 em espaços como a Esplanada dos Ministérios. Para ela, a experiência do evento vai muito além da música, é também um ambiente de acolhimento, sobretudo para pessoas que vêm da periferia do DF. **“As pessoas entram naquele espaço e se sentem pertencentes, sabem que ali podem ser quem elas são”, comenta. “Você tem ali pessoas levantando vários gritos contra vários tipos de opressão, então eu acho que vai muito nesse caminho.”** A ausência do festival foi ainda mais sentida por moradores de regiões mais periféricas do DF, público-alvo do Favela

Sounds, população que já lida historicamente com menor acesso a atrações culturais. Por isso, a escolha do line-up, seleção de artistas que integram a programação, busca contemplar artistas que vem da periferia e trazem essa representatividade.

“Existe essa troca de saber que ali em cima do palco tem uma pessoa com a trajetória parecida com a sua, então essas eram as maiores faltas”, explica Amanda. “Elas não eram só da farrá. Todo mundo estava com saudade da farrá, mas ela não era a base”, relata “Acho que a base da nossa falta do festival era realmente de poder ter de novo esse ambiente do acolhimento”.

A edição presencial do Favela Sounds pós-pandemia aconteceu nos dias 29 e 30 de julho de 2022 próximo ao Museu Nacional da República e contou com atrações como Jorge Aragão e o rapper Criolo, além de atrações brasilienses.

Festivais e o acesso à cultura nas periferias

Os festivais na periferia também foram importantes na vida da fotógrafa Wendella Alves, 22. **“Foi muito importante para mim para expandir esse espaço, eu também sou uma pessoa que pode acessar a cultura, sabe?”** Para ela, a concentração dos festivais gratuitos na região do Plano Piloto impacta diretamente o acesso, sobretudo por questões relacionadas ao transporte e segurança. **“Acaba negligenciando a forma como os jovens periféricos podem expandir os seus horizontes”,** afirma Wendella.

Um dos primeiros festivais que ela frequentou foi o Elemento em Movimento, que acontecia desde 2011 em Ceilândia. Quando a pandemia foi decretada, ela estava no início da graduação na Universidade de Brasília (UnB) e começando a frequentar festivais em outros locais do DF, mas isso foi interrompido.

A maior proximidade de Wendella com os festivais veio a partir do trabalho como fotógrafa. Em 2021, por exemplo, ela participou da equipe de comunicação do festival Elo Dub, realizado no Teatro de Arena do Guará.

Como forma de distribuir os eventos culturais pelo DF, o FAC tem uma série de iniciativas como o “Cultura em Todo Canto”. A modalidade contempla projetos em todas as macrorregiões administrativas delimitadas pela Secretaria, exceto aquelas de índice de Desenvolvimento Humano (IDH) alto. Para participar da seleção, é necessário que o proponente seja residente da região administrativa.

João Moro, subsecretário de Fomento e Incentivo Cultural da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, afirma que um dos maiores desafios para descentralizar as atividades culturais é a infraestrutura local. **“Cultura se faz com o equipamento cultural”, argumenta. “Você só forma plateia, você só forma gente querendo ser artista, se a pessoa tiver onde ir”.**

Novas formas de consumo

Kaká Frota Bessa, 36, atua na Influ Produções, empresa responsável por uma série de

festivais no DF, e atuou em 2022 nos Festivais Consciência, Música & Arte (CoMA), Luz e Halloween, tendo o último estreado no ano passado.

Para ela, o retorno dos festivais vem com um novo desafio: entender os hábitos de consumo pós-pandemia. Ela explica que o público também mudou, agora com pessoas mais jovens participando. **“O público que ia nos nossos eventos com mais frequência agora diminuiu e está fazendo escolhas para quais ir”.** Apesar do público menor que o esperado, o retorno foi visto de maneira positiva. **“Todas as produtoras voltaram com eventos na mesma época e a concorrência foi muito grande”,** explica a produtora.

A dinâmica das redes

Durante o isolamento provocado pela pandemia da Covid-19 não teve outra alternativa, os profissionais que trabalham com a cultura tiveram que se adaptar às interações virtuais para manter a proximidade com o público. Assim surgiram uma variedade de shows e outras apresentações ao vivo, as famosas lives. E com os festivais não foi diferente.

O Favela Sounds investiu não só em edição on-line, mas em outros conteúdos para redes sociais, como lembra a produtora Amanda Bittar. Nas redes do festival, duas campanhas ganharam destaque. Favela Cuida, em setembro de 2020, abordou questões relacionadas à saúde mental com alertas sobre sintomas relacionados à depressão, ansiedade e síndrome do impostor, por exemplo, dicas de autocui-



dado e recomendação de terapias com preço acessível. Além disso, o Favela Cuida também contou com uma playlist musical.

A campanha Cores Vivas aconteceu em junho do mesmo ano, mês que celebra a diversidade de gênero e orientação sexual. Durante uma semana, o perfil do Favela Sounds nas redes sociais recomendou uma série de artistas LGBTQIA+ periféricos para se inspirar.

52

Já o Festival CoMA, além de edição híbrida, investiu na produção de podcasts. O Laboratório de Mundo, por exemplo, é um programa sobre **“diálogo aberto sobre diversidade, equidade, relacionamentos, ancestralidade, cocriação coletiva, saúde e vários outros temas”**. O bate-papo é conduzido pela atriz e cantora Linn da Quebrada e traz personalidades como Thiago Torres, o Chavoso da USP, Luedji Luna, Monique Evelle e Nathaly Dias, a Blogueira de Baixa Renda, para debater uma série de assuntos que impactam diretamente no cotidiano

das pessoas. Entre as pautas estão os novos modelos de trabalho, consumo e meio ambiente e autocuidado.

Eles estão de volta

Além dos festivais Favela Sounds, CoMA e Luz, diversos festivais voltaram a ocupar espaços do DF. Um dos mais famosos é o Festival Na Praia, que acontece desde 2015 no Lago Sul. Em 2022, o festival contou com uma programação que se estendeu de 2 de julho a 11 de setembro. Entre as atrações mais aguardadas estavam as cantoras Ludmilla, Gloria Groove, Marina Sena e o cantor João.

Poucos dias antes do Favela Sounds, o Museu Nacional também foi tomado pela energia de outro festival. Com 15 anos de história, o Latinidades aconteceu de 22 a 24 de julho e contou com a presença de artistas como Drik Barbosa e a rapper Tássia Reis. Além das atrações desses três dias, o evento teve uma série de “esquen-

tas” em outras localidades como o Instituto Afrolatinas, no Varjão, e no Coletivo da Cidade, na Cidade Estrutural.

E também teve estreia no modelo presencial. O Festival Plural, que aconteceu entre 14 e 18 de setembro, realizou a terceira edição do evento e a primeira presencial. Artistas do cenário LGBTQIA+ como Linn da Quebrada, Potyguara Bardo, Majur e Alice Caymmi estiveram nos palcos montados no Eixo Cultural Íbero-Americano.

O tradicional Piknik, que costuma acontecer no aniversário de Brasília, 21 de abril, também retomou uma série de iniciativas. Com 10 anos de história, o festival voltou a ocupar o gramado do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Mas não parou por aí. Nos dias 25 e 26 de junho, o público pôde curtir esse retorno das atividades com shows na Pato Fu, Luedji Luna, Letrux e outros artistas na Praça Portugal.

53





O SHOW TEM QUE CONTINUAR

Cantores e compositores da comunidade universitária compartilham suas experiências de antes e depois da Covid-19.



Texto: Beatrice Mesiano
Design: Lucas Nunes

Nos últimos três anos, com a pandemia da Covid-19, o setor de eventos, incluindo shows e festivais, foi um dos mais afetados pelas medidas de distanciamento social e restrições impostas para conter a disseminação do vírus. Embora aplicadas a todos os setores culturais, as restrições atingiram de forma mais severa os chamados artistas independentes, que não possuem uma estrutura empresarial ou profissional para promover seus trabalhos.

No Brasil, os decretos estaduais e municipais estabeleceram as medidas de segurança e as restrições para a realização de espetáculos e eventos. De 2021 para cá, foram sendo liberadas atividades culturais, primeiro as algumas restrições para cumprir medidas sanitárias, como a capacidade máxima de público, uso obrigatório de máscaras e distanciamento social. No Distrito Federal, por exemplo, o decreto que autorizou a liberação de eventos musicais com restrição foi aprovado pelo GDF apenas em 22 de setembro de 2021. Já o decreto que autorizou a realização de shows sem o uso de máscara, mas com apresentação do comprovante de vacina, está em vigor desde 04 de março de 2022. Atualmente, a realização desses eventos musicais parece já ter voltado a sua “normalidade”, já que não existem mais restrições.

Nesta reportagem, Campus Repórter traz relatos e impressões de três artistas independentes brasileiros, músicos e compositores estudantes da UnB, sobre como eram as oportunidades de shows para eles antes, durante e depois da pandemia.

Músicos independentes e o impacto da pandemia

A música, como parte da arte, é irregular, assim como seus processos. É de se esperar, portanto, que a caminhada artística de cada músico apresente as diferentes subjetividades de suas vivências, trazendo maiores ou menores mudanças, facilidades e dificuldades de acordo com a história de cada um.

A pandemia dos últimos anos se mostrou uma catalisadora dessa subjetividade para essa classe de profissionais. Impactou nomes consagrados da indústria musical, mas, mais especificamente, foi um desafio para os músicos independentes. Um período em que eles tiveram que se reinventar.

Com as restrições de distanciamento social, os músicos deixaram de frequentar lugares que são como um hábitat natural para eles: os palcos. Cenário que foi ainda mais difícil para os artistas menos conhecidos, que viam nos shows uma forma de promover seu trabalho e alcançar um público maior.



Iogo Chirola

Instagram: @iogochirola | Youtube: Iogo @iogonoidsmash | Spotify: Iogo

No período atual, pós-pandemia em sua versão original mais grave, em que os eventos musicais voltaram com força em Brasília, a retomada da cena de shows se mostra diferente para cada um desses artistas independentes. Para o músico e compositor Iogo Chirola, 24 anos, a pandemia trouxe significativas mudanças em relação à oportunidade e dinâmica de shows. Estudante de Jornalismo na Universidade de Brasília (UnB), vê a música como sua segunda carreira, ligada também a uma grande paixão pela escrita, que, segundo ele, tem sido uma jornada gratificante, mas difícil.

Iogo conta que ser um artista independente na capital do país é um privilégio, pelo legado de grandes artistas locais do passado, mas que é também desafiador, visto a limitação das oportunidades. **“Ser um artista independente em Brasília é diferente, eu imagino, do que de cidades maiores como**

São Paulo e Rio, porque lá tem muito mais oportunidade. Mas, ao mesmo tempo, é uma cidade que tem um histórico musical e é um privilégio poder fazer música aqui”. Considera inevitável, porém, que no momento que o artista independente começa a crescer, a tendência é ir para o Rio de Janeiro ou para São Paulo, mesmo **“porque aqui tem oportunidade até certo ponto”.**

Uma de suas queixas em relação às oportunidades está associada à pequena quantidade de espaços de shows que acolhem músicos locais. **“A única casa de shows que está tendo mais relevância agora para artistas independentes é a Infinu (Infinu Comunidade Criativa), todas as outras morreram”.** Lembra que a Criolina, que era um espaço muito bom, acabou na pandemia. **“Para artistas maiores e conhecidos até tem a estrutura, mas para os independentes é complicado. Acho que precisaria de mais investimento da parte do Estado mesmo”**, diz o músico.

Mesmo com poucas opções de espaços, Iogo diz ter visto um aumento de oportunidades de shows após a pandemia. No seu caso específico, acredita que está associado ao fato ter conseguido tirar um tempo durante a pandemia para se dedicar mais a produção e divulgação de suas músicas o que lhe deu uma maior visibilidade.

“Eu nunca tive uma agenda muito fixa de vários shows, mas percebi que tive mais oportunidades depois da pandemia. Foi um período que eu produzi muito mais nas redes sociais e artisticamente, o que gerou uma visibilidade maior para mim, fui chamado pra tocar em mais lugares”. Diz que teve ainda oportunidade de tocar na Infinu, onde nunca havia se apresentado, uma casa de shows com um espaço bem estruturado. **“Normalmente eu tocava em lugares menores, então essa foi uma diferença”**, acrescenta Iogo.

Outra mudança percebida por ele diz respeito ao entusiasmo do público pela

volta de eventos musicais e uma maior animação em seus shows: **“Eu realmente senti que teve uma presença maior, as pessoas estão com mais vontade”.** É o fenômeno que começou ainda na transição do final da pandemia para volta das atividades presenciais, com as pessoas mais animadas para irem aos eventos e participar dos shows, o que significou um público um pouco maior.

Bia Haga, 19 anos, cantora, compositora e estudante de Direito da UnB, também acredita que, apesar da pandemia ter reafirmado a importância da arte, foi um momento complicado para artistas independentes. **“Muitos ficaram desmotivados ou tiveram que se reinventar, fazendo mais conteúdo para as redes sociais, o que é bom, mas não aproxima tanto o artista do público”**, afirma.

A jovem também compartilha do sentimento de Iogo de que, apesar da sua rica herança musical, Brasília ainda é uma cidade com poucas possibilidades para os músicos independentes expandirem suas agendas de shows. **“Ser artista independente em Brasília é, primeiramente, uma honra, já que algumas das bandas de rock nacional que eu curto se formaram aqui também”.** No entanto, por mais que existam muitos espaços e eventos de música, eles são centrados em artistas não locais, o que torna um pouco complicado encontrar lugares para se apresentar. **“Além disso, o artista independente encontra a dificuldade de ter a responsabilidade de artista grande sem ter o mesmo reconhecimento”**, aponta Bia.

A artista, que tem a música como parte importante de sua vida desde a infância, começou a ver essa carreira com um olhar mais profissional recentemente, estabelecendo planos para o seu trabalho artístico. E entre esses planos estão os shows, que em 2022 voltaram a ser uma realidade, após ela usar o tempo da pandemia para aprimorar suas produções. **“Durante esse tempo em que não fiz nenhuma apresentação, amadureci minhas influências musicais e cheguei a uma identidade musical com a qual me sinto muito confortável para compor e cantar”**, diz Bia.

Curitibana radicada em Brasília, considera que, com a quarentena, teve-se um maior reconhecimento de eventos musicais e após esse período ela, como artista, também reafirmou o valor desses momentos. **“Depois da pandemia, eu e outros artistas independentes fizemos shows e percebi a importância das**

apresentações: elas complementam o estilo do artista, além de estabelecer uma conexão com o seu público. Ainda assim, é difícil programar um show sendo artista independente, mas vale a pena porque toda apresentação é única”, declara a cantora.

Já para Paulo Chaves, 30 anos, cantor e compositor brasileiro, estudante de Música, a vida seguiu outros rumos. Conta que sua carreira artística vinha em um bom ritmo, tendo inclusive se apresentado em 2019 em um dos maiores eventos de música do Centro-Oeste, o festival CoMA (Convenção de Música e Arte), um grande festival de música alternativa que acontece anualmente no Eixo Monumental em Brasília e que já reuniu importantes nomes da música brasileira, como Gal Costa.

Atualmente, Paulo se vê afastado da cena de shows e festivais independentes por conta justamente da pandemia de Covid-19. Em 2020, quando estava com alguns projetos para sua carreira artística, a pandemia chegou e devastou tudo. Sem perspectiva de apresentações, teve que focar em outras ocupações para garantir seu sustento, mas sem deixar o ofício que exerce totalmente de lado. **“Eu tive que focar na minha subsistência mesmo, no que dava pra fazer durante o isolamento. E foram as minhas aulas, sou professor de canto, inclusive eu sempre fui professor. Não foi uma coisa que surgiu na pandemia. Eu adoro dar aula, mas eu aproveitei a circunstância para colocar o foco 100% nisso”**, afirma.

Como teve que dar um tempo em suas produções musicais, a carreira de Paulo como professor ganhou um foco maior



Bia Haga

Instagram: @biahaga | Youtube: Bia Haga @BiaHaga | Spotify: Bia Haga

e alavancou. “Fui atrás de fazer cursos de especialização, estudar bastante, ler muito. Inclusive cheguei a fazer os concursos para professor de canto da Escola de Música de Brasília. Teve um concurso em 2021 para professor substituto. Eu fiz e passei em primeiro lugar, mas não consegui assumir porque eu estava sem a licenciatura”.

O artista voltou para a universidade a fim de cursar a faculdade de Música e esse foi um dos seus focos durante a pandemia. Fez um segundo concurso, para professor efetivo, ficou em segundo lugar e está no cadastro reserva, porque só tinha uma vaga, para a qual espera ser chamado em breve.

Ultimamente, Paulo continua se apresentando para o público e diz que tem planos para retomar suas produções musicais nos próximos meses, assim que terminar a graduação no curso de Música. **“Eu tenho tocado muito na noite, em**

bares, restaurantes, eventos particulares, ainda pensando muito na questão da renda, de me manter mesmo. E o autoral ficou um pouquinho na gaveta”, diz o músico.

Diz que tem até um material para produzir e lançar, o que só vai fazer quando terminar o seu curso na UnB. **“É o meu foco, hoje, até por essa questão do concurso que eu posso ser chamado e tenho que estar com o diploma na mão. O resto é um projeto que está na gaveta, talvez para o ano que vem ou até o segundo semestre deste ano. Voltar a gravar minhas coisas. Por enquanto parado, mas é isso”,** afirma Paulo Chaves.

Volta do Ministério da Cultura e expectativas

Uma perspectiva comum entre os três músicos é a de que ser um artista independente na capital federal não é algo fácil ou simples. Eles têm que fazer o trabalho de toda uma equipe, sozinhos, cuidando desde a produção e divulgação de suas produções até a interação com o público.

“É difícil lidar com isso, que exige muito empenho, vai muito além da música, você tem de saber um milhão de outras coisas para ser músico. É um pouco frustrante às vezes, conseguir fazer com que sua música chegue nas pessoas”, afirma Iogo. Acrescenta que **“o artista independente ele tem que fazer tudo sozinho, em uma jornada muito solitária e frustrante, que gera uma série de ansiedades”.** Mas, ao mesmo tempo, tem a parte que é **“bonita, a de compor e de criar, que todo mundo gosta. E eu acho que todo mundo deveria ter isso em alguma área da vida”.**

Mesmo com as dificuldades enfrentadas, outro sentimento que esses músicos têm em comum é a esperança da melhoria do cenário cultural, e consequentemente musical, de Brasília para artistas independentes nos próximos anos. Com a volta do Ministério da Cultura no novo governo do Brasil, sob a coordenação da ministra Margareth Menezes, a expectativa é de valorização da diversidade cultural no país e de retorno dos investimentos, como o presidente Lula manifestou em diversos momentos ao longo da campanha.

“Não será um governo fácil, mas com certeza tem esperança de que agora o investimento na cultura vai ser bem diferente. Até porque a gente tem uma artista muito conceituada no ministério, que é Margareth”, diz Iogo. Ele espera novas perspectivas para toda a classe artística nacional, inclusive para quem está em Brasília, que é o centro do poder. **“Acho que politicamente é uma vantagem para nós, tomara que realmente melhore”.**

Bia Haga também está animada com seus novos projetos para esse ano que começa. **“Para 2023, tenho muitas novidades. Em relação ao novo contexto político, acredito e espero que os eventos sejam mais acessíveis, além de mais recorrentes e com uma pluralidade maior de estilos musicais abarcados. Isso é importante para artistas que interpretam músicas com estilos um pouco menos populares entre as plataformas musicais, como o indie, o math-rock e até mesmo a bossa nova”,** destaca a artista.

Apesar do contexto de insegurança e instabilidade que foi a pandemia, a arte seguiu e segue demonstrando sua capacidade de trazer renovação e isso reflete na vida dos artistas e seus planos. **“Eu estou com outras prioridades no momento, mas a partir do meio deste ano ou do começo do ano que vem, eu pretendo voltar a mexer com minhas composições”,** afirma Paulo. Ele também tem esperança de que com a nova conjectura, com o ministério da cultura e Margareth Menezes, as coisas transcorram de uma maneira mais suave. **“Vamos torcer para que isso repercuta no DF também. Torcer muito para que isso traga alguns frutos para nós também”,** finaliza Paulo Chaves.





A VOLTA DO LAZER EM BRASÍLIA

Lazer universitário: Jovens estudantes voltam a ocupar bares e boates

Texto: **Ana Luiza Brandão e Cairo Tondato**
Design: **Lucas Nunes**

Com as incertezas causadas pela crise sanitária decorrente da covid-19, a partir de 2020 vários locais de Brasília destinados ao lazer mantiveram suas portas fechadas sem previsão de reabertura. Hoje, quase três anos após o primeiro lockdown e em meio a um cenário mais próximo da normalidade, setores de diversões da Capital Federal tentam recuperar o fôlego e se restabelecer entre o público brasiliense. Como quase um quarto da sua população é composta por jovens entre 15 e 29 anos, o comércio e o turismo da cidade dependem muito da ocupação por essa faixa etária.

O encontro de universitários em bares e boates de Brasília é hábito que resiste há gerações, como forma de agregar prazer à rotina. Amanda Azevedo e Beatriz Monlevade, ambas de 21 anos, foram duas entre tantos jovens que se sentiram afetados pela reclusão social. **“Foi um período intenso de isolamento, mais de um ano muito severo, com inseguranças, medos, angústias. E dentro de casa a gente desenvolve uma certa monotonia”,** diz Amanda. As estudantes de direito da UnB explicam que aprenderam a valorizar ainda mais os espaços de lazer depois da pandemia. **“Marcou um período também de aprendizado, do quanto o convívio social é importante, não só para a saúde mental, mas também para o desenvolvimento pessoal, profissional. Acho que esse contato entre pessoas — apesar de hoje em dia ser um pouco mitigado pela tecnologia — é insubstituível”,** acrescenta Amanda.

Os bares das quadras 400 da Asa Norte são a principal escolha entre os estudantes do campus Darcy Ribeiro, até pela proximidade.

Com estilos de música variados, eletrônica e ao vivo, comida de boteco e preços mais acessíveis, esses espaços agradam aos jovens que buscam um momento de descontração depois de um longo dia de estudos. Um dos points favoritos dos estudantes é o Pôr do Sol, também chamado de PDS, localizado na 408 norte.

Segundo o proprietário, Artur César, o local tornou-se parte da cultura universitária na região. **“Eu costumo dizer que o PDS é um oásis durante a vida universitária. Como eu fui universitário na UnB e depois me tornei professor, sei bem do que estou falando. Tem dia que você quer um local de paz, para comer, beber, se divertir e confraternizar sem problema. Existe a história de aqui ser um anexo da Universidade”,** conta, bem humorado. **“Os alunos marcam trabalho em grupo aqui, sabem que podem ficar, são bem recebidos. Além da diversão, às vezes eles procuram o lugar para fazer trabalho. Junta um grupo que sabe que vai ser bem vindo, bem atendido.”**

O bar já tem seu público consolidado há tanto tempo que, em sua descrição no Instagram, anuncia: “Desde 1997 fazendo a alegria dos universitários”. O ambiente atrai principalmente aqueles que, após as aulas e trabalhos, desejam relaxar, ouvir música ou assistir a alguma partida de futebol. A comida de boteco, as pizzas de sabores variados e a cerveja gelada garantem que o local esteja sempre cheio. Em 2019, tempo em que o termo “pandemia” era restrito ao universo da ficção científica, o Biroseca, do Conic, figurava como prioridade para quem buscava se entreter nos finais de semana. Localizada no Setor



de Diversões Sul, coração de Brasília, a casa noturna é reduto da cultura underground e alternativa da capital, com uma programação variada de festas com DJs que tocam madrugada adentro.

Kaká Guimarães, um dos sócios do local, conta que a Biroasca do Conic foi inaugurada em 2019 e precisou fechar um ano depois, devido à pandemia. Durante esse período, foi difícil aderir a estratégias que mantivessem o financiamento do projeto, e por isso o retorno era tão urgente: **“Nossa sorte foi ter passado pelo Carnaval, que foi muito bom, então deu para segurar um tempo, e a gente tinha acabado de fechar um contrato com a Ambev e isso tudo ajudou muito”**, afirma.

Ele conta que, além do contrato com a maior fabricante de cervejas do País, os sócios buscaram outras alternativas que ajudassem a atravessar a pandemia, mas, na prática, o estabelecimento ficou parado mesmo, esperando. “Foi um tempo para a galera se cuidar”. Apesar das dificuldades, os sócios da Biroasca acreditam que é essencial investir em centros e expressões artísticas próprias da capital como forma de valorizar a cultura local, especialmente por se tratar de uma **“cidade cidade jovem, que está com a identidade cultural ainda por se formar”**. O projeto do grupo é ocupar **“o centro da cidade para que o Estado, o Governo e o Mercado percebam que é bom para a economia local ter uma cultura forte e genuína de Brasília, porque daqui saem novos artistas, novas bandas, novos produtores musicais”**.

A casa noturna é conhecida por suas festas com estilos variados. Lá pode-se tocar desde funk carioca até sertanejo e samba,

com decoração temática e performances relacionadas. Seus idealizadores procuram valorizar todo tipo de conteúdo artístico local e, para isso, estão sempre em busca de músicos, fotógrafos, grafiteiros e qualquer outro artista que se identifique com a cultura da Biroasca e queira fazer parte do conceito. O principal ambiente, em uma das praças centrais do Conic, é formado pelas fachadas das lojas fechadas, que foram grafitadas e decoradas para criar um espaço personalizado e atraente aos jovens.

Embora seja uma cidade recente, em comparação com tantas outras brasileiras, Brasília já abrigou e fez surgir diversos grandes artistas. Só no mundo da música, Capital Inicial, Legião Urbana, Natiruts, Raimundos e Tribo da Periferia iniciaram suas carreiras



no popular avião. Repleta de arte desde o nascimento — como se nota pela arquitetura e urbanismo — a cidade que dá voz à juventude tem papel fundamental no cenário cultural brasileiro.

Para Amanda Azevedo, o lazer faz parte do crescimento pessoal e profissional dos jovens da cidade. **“Eu acho que a volta do lazer significa liberdade, principalmente no contexto pós pandêmico. Muitas pessoas, e eu até me incluo nisso, perderam um pouco desse tato social, e eu acho que poder voltar ao lazer significa o reaprendizado, a valorização de tudo isso.”** Beatriz Monlevade reconhece que o processo de adaptação foi bastante difícil para ela: **“Anteriormente eu me divertia muito, sempre fui uma pessoa muito sociável. Ficar completamente isolada me abalou bastante. Contudo, querendo ou não, todo mundo meio que se adaptou”.**

Na Asa Norte, a região que possui bares frequentados por estudantes da UnB ocupa, sobretudo, quadras comerciais desde a 402 até a 411. Como todos os outros comércios da região, o Pôr do Sol, ou PDS, também teve que se adaptar por algum tempo às restrições impostas pela pandemia da Covid-19. Mas Artur César confia que a volta às atividades está trazendo um retorno satisfatório. **“Ficamos fechados por causa das restrições da lei, mas a gente chegou a fazer delivery. E quando voltou, encheu”.**

Ele explica que o PDS é um lugar de diversão, alegria, receptivo, fez um bom movimento durante a Copa do Mundo, em novembro e dezembro, e agora **“vai fazer um bom carnaval, sempre com responsabilidade, de portas abertas e preço acessível”.** Amanda Azevedo destaca que, para ela, o lugar é mais do que um simples boteco

universitário: **“Eu acho que a simbologia que esses locais têm, principalmente o bar, o PDS, é uma simbologia de memória. É ali que a gente guarda momentos com os amigos, de risadas, pós provas, pós decepções amorosas. Voltar a ocupar lugares como esses foi, de fato, marcante.”**

Embora não seja fisicamente próxima da Universidade, a Biroscas do Conic recebe estudantes tanto quanto o bar Pôr do Sol. Segundo Kaká Guimarães, isso se deve a identificação cultural que o ambiente proporciona aos alunos da UnB. **“O Biroscas talvez entregue uma percepção de valores e de mundo que o jovem universitário tem. A faculdade é, sobretudo, um espaço de esquerda, progressista, transgressor, que pede pelo novo, quer novas experiências em mundo diferente. É o que a gente quer também. As pessoas se sentem bem aqui, sendo quem elas querem ser, se encontram”.** Da mesma forma, o Pôr do Sol percebe uma identificação de valores e ideias com seu público: **“O PDS é plural, inclusivo e livre. Aqui não interessa quem vem, não tem um tipo único de pessoa que frequenta, não tem ideologia. A pessoa se sente bem e sempre vai ter cerveja gelada e comida barata e de qualidade, que é o que o universitário procura. Sempre foi assim e sempre vai ser”**, comenta Artur Cezar.

Seja pela identificação de valores, seja pela cerveja gelada, o importante é que os estudantes podem finalmente retornar a seus espaços preferidos de lazer. Os bares e boates da cidade enfrentaram meses de incerteza para que pudessem retomar o funcionamento com a qualidade que seu público merece. A felicidade pelo retorno que as estudantes expressam é a mesma

vivida por tantos outros universitários: **“Eu estava muito ansiosa e animada para poder rever pessoas importantes para mim. Eu tinha muita expectativa de melhora, principalmente no meu humor, e de ter vencido esse período tão difícil pra humanidade toda”**, acrescenta a estudante Beatriz Monlevade.



